

FACULDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS
GRADUAÇÃO PSICOLOGIA

Jéssica Marmitt da Rosa Farias

**A Construção da Subjetividade frente às novas tecnologias:
são elas os novos educadores?**

Porto Alegre
2019

Jéssica Marmitt da Rosa Farias

**A Construção da Subjetividade frente às novas tecnologias:
são elas os novos educadores?**

Artigo apresentado à Faculdade São Francisco de Assis, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientação da Prof^a. Ana Paula Melchiors Stahlschmidt

Porto Alegre

2019

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar considerações, sobre a constituição do sujeito e os impactos da tecnologia sob o viés psicanalítico. Este artigo também apresenta algumas discussões e provocações quanto à saúde física, psicológica e social do ser em constituição. O assunto é de extrema importância para a psicologia visto que estamos na era tecnológica e a mesma está invadindo os consultórios. Ao final do estudo, foi possível identificar, que as crianças sofrem grandes influências a partir da sua relação com o mundo tecnológico. Desde bebê são inseridas neste contexto e os pais são os responsáveis por darem limites à utilização dos aparelhos eletrônicos. Cabe ressaltar, ainda, que através da pesquisa bibliográfica, encontraram-se inúmeros benefícios do uso dos aparelhos eletrônicos e das tecnologias. Os benefícios são de ordem social e cognitivos.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Infância. Tecnologia. Sujeito em constituição

ABSTRACT

The present work aims to present considerations, about the Constitution of the individual and the impacts of technology under the psychoanalytic bias. This article also presents some discussions and provocations regarding the physical, psychological and social health of being in constitution. The subject is of utmost importance to psychology since we are in the technological era and the same is invading the offices. At the end of the study, it was possible to identify that children suffer great influences from their relationship with the technological world, since baby are inserted in this context. It is also noteworthy that, through the bibliographic research, there were numerous benefits and harmful effects of the use of electronic devices and technologies. Among the malefices are increased social isolation, impairment in routine and worsening in school incomes, the benefits are social and cognitive.

Keywords: Development. Childhood. Influence. Technology. Subject in constitution

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo busca desenvolver um olhar sobre o desenvolvimento infantil e as influências das novas tecnologias na vida das crianças. Esta reflexão é de extrema importância para os psicólogos tendo em vista que a cada dia as crianças são inseridas mais novas a este mundo tecnológico.

Ariès (1978) nos traz que o conceito de infância se construiu em três momentos históricos; Criança-adulto, séculos XIV e XV; criança-institucionalizada, séculos XVI e XVII; Criança sujeito de direitos, século XX.

O autor percebeu que nas artes do século XV a criança era representada como um adulto em miniatura, não havia distinção entre o mundo adulto e o mundo infantil. De acordo com Ariès (1981, p. 50): “A arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo”. Neste período a criança se separava cedo dos pais, os seus conhecimentos e sua aprendizagem, eram adquiridos ajudando os adultos no trabalho.

No século XVII a criança passou por uma espécie de quarentena, foi separada dos adultos, agora ela não aprendia através do exercício do trabalho e sim pelo longo período do enclausuramento chamado escola, colégio. Neste período segundo Ariès (1978, p. 277): “Os pais não se contentavam mais em pôr filhos no mundo. A moral da época lhes impunha proporcionar a todos os filhos, até mesmo às meninas uma preparação para a vida.”

Ainda citando Ariès (1981):

A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perde – lá ou substituí – lá sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela. (ARIÈS, 1981, p.12).

Nota-se um movimento em relação à família, os pais começam a se interessar pelos estudos dos filhos, existe uma mudança quanto ao traje utilizado pelas crianças, não se vestem mais como adultos.

Essa especialização do traje das crianças, e, sobretudo dos meninos pequenos, numa sociedade em que as formas exteriores e o traje tinham uma importância muito grande, é uma prova da mudança ocorrida na atitude com relação às crianças. (ARIÉS, 1978, p. 157).

O sentido de infância não permanece apenas com a diferenciação dos trajes, até porque havia algumas sociedades em que as crianças ainda se vestiam como adultos, por estarem em períodos de colonização, como o Brasil. Este era um século de mudança, e as vestimentas faziam parte do processo de reconhecimento.

Durante este período até a atualidade é consolidado este conceito, a criança começa a ocupar o lugar central da família devido à ligação com a figura dos anjos que são tidos como seres puros e divinos.

Durante o século XIX com o surgimento da revolução industrial, regressou o trabalho infantil, principalmente das crianças oriundas de famílias pobres. As fabricas optavam por contratar famílias numerosas com crianças aptas ao trabalho, pagavam um quinto de salário de um adulto as mesmas. A exploração se intensificou e este fato repercutiu discussões e formulações de leis para proteção e direito das crianças.

Com a preservação da infância, a mortalidade infantil começou a ser estudada pelos médicos sanitaristas, apontavam ao alto nível de mortalidade, as causas como a ignorância e a pobreza. Segundo Rago (1987) a medicina passou a se interessar particularmente pelas crianças e pelas mulheres, para preservar a geração futura, precisariam conhecer o universo da sexualidade feminina, muitas doenças eram adquiridas sexualmente, como sífilis e gonorreia, até o casamento passou a ser a preocupação constante dos médicos, pois, o casamento era a única forma de controlá-las e evitá-las, pois garantia uma sexualidade saudável (ENGEL, 1989). Sendo assim a “rainha do lar” entrou na história para garantir a saúde do “reizinho da família.”

Atualmente, vivemos em um mundo mais violento, no qual o brincar livremente das crianças por vezes acaba sendo privado pelos pais por conta da preocupação com o bem-estar do filho. Há um tempo, os pais chegavam do trabalho e os filhos saíam para brincar na rua de pega-pega, esconde-esconde e os pais socializavam com os vizinhos, com o decorrer do tempo os pais não saem mais para a frente de casa e com isto não há mais quem possa “supervisionar” as brincadeiras das crianças.

Devido às demandas dos pais e os dias atarefados, o brincar da criança, acaba muitas vezes por ficar em segundo plano. A tecnologia então vem substituir o lugar do brincar que as crianças realizavam em conjunto com aqueles próximos, pais, irmãos e vizinhos. Mas ao se isolar a criança perde de observar e interagir com o próximo, esta interação é essencial, pois, gera uma assimilação de cultura e hábitos e é através deste processo que ela se torna mais sociável. Oliveira (2000) comentava que é brincando que a criança cria vínculos afetivos duradouros e se abre para o processo de autonomia e criatividade.

Brougère (1998) nos traz que as construções do brincar se modificam de acordo com cada época e cultura.

Não podemos nos fechar a esta grande janela que é o mundo virtual excluindo os pequenos da fase da tecnologia, pois eles fazem parte dela. Porém, este contato exagerado e precoce atrapalha o sujeito em constituição. Pois, é quando criança, que o sujeito se insere na linguagem e precisa da interação com o outro.

Segundo a pesquisa realizada no ano de 2019 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), bebês com menos de um ano não devem ser expostos a telas de computadores, tablets e celulares. O estudo realizado visa à saúde das crianças, o mesmo inclui o tempo adequado de atividade física para as crianças menores de cinco anos e as horas de sono recomendado. Por este ser um assunto novo e de interesse de pais, professores, médicos e estudantes, há muito que se discutir, porém, a OMS orienta “quanto menos tempo, melhor”. Referindo-se ao tempo em que as crianças utilizam os eletrônicos.

Segundo Piaget (1971), ao brincar a criança, assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, desorganiza, organiza e reconstrói a realidade a sua volta. O brincar representa um processo de assimilação e acomodação, e é através desses processos que ela chega ao conhecimento. A construção da personalidade se dá pela interação e pela completa utilização dos cinco sentidos da criança.

Os brinquedos tecnológicos de hoje, porém, estimulam um ou no máximo dois desses sentidos, além da visão, a audição ao jogar o videogame. Para o desenvolvimento saudável da criança, o convívio social é fundamental, esta interação com os pais faz com que a criança se sinta estimulada, os adultos são

modelos para elas, logo os mesmos devem realizar brincadeiras criativas para desenvolver o pensamento, a visão, a imaginação, a capacidade motora e verbal.

Sabemos que o bebê para se constituir como sujeito precisa do agente materno, assim como os significantes da linguagem.

Segundo Roudinesco e Plon (1998): “O termo sujeito é empregado para designar um indivíduo, como alguém que é simultaneamente observador dos outros e observado por eles.”

De acordo com Lacan (1960): “Um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante.” Esse sujeito, segundo Lacan, está submetido ao processo freudiano da clivagem. Na Conferência XXXI (“A decomposição da personalidade psíquica”), Freud (1933) apresenta a metáfora do cristal, referindo-se à noção de estrutura:

Onde ela mostra uma brecha ou uma rachadura, ali pode normalmente estar presente uma articulação. Se atirmos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela *estrutura* do cristal. Os doentes mentais são *estruturas* divididas e partidas do mesmo tipo. (FREUD, 1933, p. 54).

A estrutura psíquica é o modo que o sujeito se insere na linguagem, seu modo subjetivo. A estruturação se dá de modo involuntário, a partir de uma solução de defesa, criada pela angústia. Esse conceito inicialmente foi trazido por Freud e futuramente estudado por Jacques Lacan.

Jerusalinsky (2008) discorre que na infância não podemos falar em estruturas decididas, pois, através da experiência com o outro o sujeito vai respondendo as demandas inconscientes.

Quando se aborda o tema estruturas do sujeito, não necessariamente esta, se dará no tempo do desenvolvimento, mas ao tempo de “amarração” de certas estruturas que ordenarão o psiquismo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Constituição do Sujeito

Segundo Coutinho (1997) um bebê não pode existir sozinho, sempre que encontramos um bebê vemos sua mãe, ela é responsável por desenvolver seu amadurecimento.

A psicanalista François Dolto apud Ledoux (1991) nos traz que é na relação com o outro que o sujeito se constitui, esta relação diática com a mãe ou com quem exerce a função materna.

Se for na relação com o outro que se constitui o sujeito, logo a interação com o bebê é fundamental. Segundo Dolto apud Ledoux (1991), dirigir-se ao bebê nomeando suas emoções com palavras e dando significado ao seu sofrimento faz com que ele entre no código humano da linguagem. Para Dolto apud Ledoux (1991, p. 74): “O bebê entende a palavra quando ela é usada para lhe comunicar a verdade sendo está ligada a ele.”

O choro é o meio de comunicação com a mãe. Inicialmente, o bebê chora, pois, algo está errado, então a mãe lhe dá o alimento, ele é tomado pelo prazer de se alimentar e ao mesmo tempo percebe que precisa disto para viver. Mas ao tocar o seio da mãe, não só o estímulo oral é liberado, mas também o estímulo olfativo, agora ele conhece o cheiro da mãe, as mãos, os seios e as curvas da mãe são percebidos pela criança como pedaços de seu próprio corpo, neste momento o bebê ainda não estabeleceu uma distinção entre o Eu e o Tu, pois, está ligado com sua mãe.

Para Bernardino (2007, p. 54): “A infância sedia o tempo de passagem do infans – filhote humano ainda não falante – ao estatuto de falasser, sujeito falante e desejante”. Neste momento o agente materno é essencial para fazer o bebê entrar no campo da linguagem, o mesmo passa de “ser um corpo” (nós), para “ter um corpo” (eu). Agora a criança entra no campo do desejo do outro e faz-se desejar, e esse lugar vem cheio de linguagens e imagens.

Está ocorrendo na contemporaneidade, mães amamentando seus filhos ao celular, algumas vezes para não “precisar” olhar para a criança a mãe coloca o celular no seio e fica a conversar com outra pessoa, assim a criança se distraí.

Porém, o bebê até dois anos não consegue diferenciar o que é a tela e o que é a realidade, ele precisa de estímulos do ambiente externo para se estruturar como esperado.

Neste caso, a criança é alimentada pelo corpo e não pela subjetivação, Dolto apud Ledoux (1991) diz que quando não há função simbólica a criança se exercitaria no vazio, já que é o outro que lhe dá sentido e a humaniza.

Berger e Thompson (1997) discorrem que a interação materna de motivar a criança através da comunicação, se dá preferencialmente nomeando objetos e caracterizando figuras. Os bebês recém-nascidos demonstram preferências por sons e fala com entonações, essa interação pode ser através do toque, do canto e da leitura.

Após a inserção da criança na linguagem e a significação da mãe para os objetos, em torno de três a cinco anos a criança se depara com o complexo edipiano, onde ela se organizará psiquicamente e será apresentada pela figura paterna as leis da civilização.

2.2 Complexo Edipiano e Atualidade

Freud (1924/1969), em o complexo de Édipo, nos traz que este é o momento em que a criança se organiza psiquicamente, há a construção das neuroses e da sexualidade e é inserida nas leis da civilização através da figura paterna.

Sobre o tema os autores Laplanche e Pontalis (2001) apresentam o seguinte:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 77).

Assim como o brincar foi se modificando ao longo do século, podemos pensar que o modelo de complexo edípico exposto por Freud em 1924, já sofre forte modificações com a atualidade.

Simões (2013) fala de um novo perfil social familiar, no qual é exigida da figura paterna, uma figura mais amorosa, que consiga exercer tanto o papel paterno como funções maternas. Devido a estas mudanças de valores e costumes, podemos ver uma mudança no complexo edípico. Pois, antes a figura paterna era o provedor

do sustendo e a mãe estava no lar, cuidando das crianças, dando amor e carinho e o pai chegava para dar a ordem à família.

Contudo com a sociedade contemporânea, as mães saindo para trabalhar, ambos dividem as tarefas do lar, agora então tanto a mãe quanto o pai ditam a lei e o principal objetivo dos pais é a felicidade do filho. Felicidade esta que muitas vezes vêm a qualquer custo, a criança não pode receber um não, não pode ser colocada diante da frustração, afinal os pais trabalham o dia todo, como vão dizer não ao seu filho?!

Se a criança ganha tudo que quer não sobra espaço para a falta, o luto e o sofrimento, ela não aprende a lidar com as frustrações, os pais são os responsáveis por ensinar a criança como conduzir o sofrimento e o incomodo causados pela falta de algo. Falta esta que configura o complexo de edípico, falta de algo que faz com que a criança se volte para o outro, para a relação com o outro.

Destaca Nasio (1997) Após esta separação sexual entre os pais e a criança, ela passa a ter a possibilidade de desejar outras pessoas fora do seu ciclo familiar.

2.3 Aprendizagem

A família é o primeiro contato da criança com a sociedade, dentro dela há diferentes “funções”, ela é responsável pelo desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo. Segundo Mahoney (2002) a escola é um contexto de desenvolvimento que reúne a diversidade, aprendizagem, regras e valores. É um ambiente no qual a criança aprenderá a trabalhar com as frustrações e a negociar com colegas e professores se inserindo na sociedade.

A família e a escola são os principais ambientes de desenvolvimento da criança. Como sabemos a escola é um local de intervenção pedagógica intencional e é isso que promove o processo de ensino- aprendizagem.

De acordo com Rego (2003), essas instituições compartilham funções sociais, políticas e educacionais, contribuindo para a construção de um saber cultural. Ambas proporcionam um crescimento intelectual, físico, emocional e psicológico do cidadão.

Piaget (1995) destaca que o desenvolvimento mental infantil é cognitivo e afetivo, ambos são inseparáveis, interdependentes. O afeto inclui desejos, sentimentos, interesses, emoções e todo comportamento gera um aspecto cognitivo.

O professor possui um papel importante neste desenvolvimento infantil, pois, ele precisa conduzir o indivíduo até a aquisição de conhecimento, fazendo com que a criança se sinta estimulada.

O desenvolvimento cognitivo da criança se dá de dois a sete anos de idade, nesta fase ela começa com o pensamento representativo, ainda se confunde em relação a números e quantidades. Para Piaget, somente após os quatro anos de idade que a criança entra no mundo da moralidade, mas ainda não consegue se apoderar totalmente dela, demandando dos adultos paciência para explicar as regras.

O início do pensamento lógico concreto, ocorre entre os sete e doze anos de idade, neste momento a criança já está bem desenvolvida na moral, conhece as regras e já consegue julgar em certas situações o que é correto.

Entra na pré-adolescência aos doze anos, começa a experimentar pensamentos de adulto e assimilar conceitos abstratos. Passa a compreender as experiências dos outros e entender o ponto de vista dos mesmos.

O ato de aprender sempre pressupõe uma relação com outra pessoa, a que ensina (KUPFER, 2005). E esta interação entre indivíduos resultará em novos conhecimentos e experiências.

2.4 Adolescência

A adolescência é uma fase de grandes transformações para os jovens, tanto físicas como psicológicas. É nesta fase que o adolescente está deixando sua infância para trás e tornando-se adulto, construindo sua nova identidade com o mundo externo.

Arminda Aberastury (1996) conceitua que o jovem adolescente passa pelo processo de três perdas fundamentais, elaborando a função de luto: O luto pelo corpo infantil, pela identidade infantil e pelos pais da infância.

O luto pelo corpo infantil ocorre quando o jovem percebe que perdeu seu corpo, aquele corpo “tão acarinhado pelos outros, tão elogiado, tão gostoso que deixa de ser assim e passa a ser um corpo disforme, magro ou gordo, com acne, com pelos.” (GOMES, 1986, p. 175).

O luto pela identidade infantil envolve a insegurança, antes era uma criança segura e protegida e agora passa a um lugar desconhecido e necessita assumir um

papel misterioso. Para Gomes (1986, p. 175): “A adolescência exige uma definição, e esta definição é uma escolha sexual, que implica no abandono da bissexualidade e isto é sentido como uma morte.”

O luto pelos pais da infância, estes pais que eram compreensivos e carinhosos, que agora passam a ser exigentes e complicados. Ora o tratam como adulto, ora como criança. Os pais passam a ser reais e não heróis.

A adolescência então é uma fase de experimentação de papéis sociais, valores e se caracteriza pela ambiguidade entre ser criança e ser adulto. O jovem está apto para a produção social e para o trabalho. Porém, a ambivalência da sociedade quanto à possibilidade de efetivação dessas aptidões faz com que ele adquira um status intermediário e provisório, e passe a ser tratado de forma ambivalente: como criança e como adulto. (ABERASTURY, 1980; ABRAMO, 1994)

Sabemos que a subjetivação é construída através da cultura e grupos sociais nos quais o indivíduo está inserido, suas crenças, seus valores. Já o processo de singularização se dá através de suas experiências pessoais neste contexto social, o adolescente é tomado por um processo universal de troca, de desprendimento, mas que será influenciado por conotações externas peculiares de cada cultura, que o favorecerão ou dificultarão, segundo as circunstâncias.

3 DESENVOLVIMENTO E TECNOLOGIA

Vygotsky (1994) informa que o processo de construção do conhecimento se dá a partir da interação entre sujeitos e principalmente na inserção na cultura. Oliveira (1999) traz que o indivíduo necessita de interação social, o mesmo precisa estar inserido em um contexto sociocultural, e que isto é de extrema importância para a aprendizagem e afetividade.

As crianças do século XXI nasceram na era da tecnologia. Julieta Jerusalinsky (2015) afirmou que os tablets, celulares, televisores, computadores e games, são os novos totens da atualidade, as chupetas eletrônicas. As crianças antes mesmo de serem alfabetizadas já estão em contato com os aparelhos eletrônicos, o que causa dificuldades na aprendizagem e futuramente problemas físicos.

As brincadeiras do século XIX de esconde-esconde, pega-pega, amarelinha, pega-ladrão, pula corda, raramente são vistas nas ruas, o novo brincar da contemporaneidade se dá dentro do lar, nos computadores, tablets e celulares.

Uma reportagem publicada em 2014 já informava que o Brasil contava com 22 milhões dos chamados nativos digitais, sujeitos nascidos e criados a partir da década 1980, na era dos games e da internet. Conforme esta reportagem, as crianças e adolescentes já estavam cada vez mais desconectados com o mundo e conectados com as telas.

Segundo Previtalle (2006) no período moderno as crianças já não expressam seus sentimentos e aflições em público, preferem isolar-se dentro dos seus lares, pois, a tecnologia satisfaz suas necessidades.

Neste isolar-se, temos novos meios de brincar e novos meios de comunicação. As crianças substituíram as brincadeiras tradicionais de pega-pega por jogos de videogame, a comunicação verbal virou comunicação via aplicativo whatsapp ou mais comumente chamado *watts*.

O fato de as crianças optarem pelas telas faz com que as chances de um isolamento social seja maior, além de doenças como sedentarismo, obesidade, problemas de visão, articulações, enxaquecas, etc. O uso excessivo da tecnologia provoca instabilidade física, psicológica, ansiedade e até depressão.

Segundo Guedes (1999, p. 32):

Infelizmente, a razão da inatividade física nos dias de hoje, onde é necessária a prática de movimentos é compensada pelos avanços tecnológicos. A sociedade atual está cultivando hábitos cada vez mais sedentários. As crianças e adolescentes estão substituindo atividades lúdicas, pelas novidades eletrônicas.

Conforme Mattoso (2010), em pleno século XXI a tecnologia a cada dia avança mais e as pessoas adquirem doenças e problemas psíquicos como consequência deste fenômeno. Com a tecnologia vieram os processos de automação fazendo com que as pessoas assumissem uma vida sedentária, já que o esforço em busca de fontes de informações diminuiu o esforço das pessoas.

De acordo com o relatório “2018 Global Digital” divulgado pela agência We Are Social¹ em parceria com a Hootsuite², os brasileiros passam em torno de nove

¹ We Are Social - Agência de comunicações, especializada em mídia social, fundada em 2008 por Robin Grant e Nathan McDonald.

horas por dia na internet, entre trabalho e lazer e já se percebe algumas doenças causadas por esse exagero tecnológico. Os problemas de saúde e seus motivos, são exemplificados no quadro 1.

Quadro 1: Doenças causadas pelo excesso do uso da tecnologia.

Problemas de Saúde	Motivos	Dispositivo	Observação
LER - Lesão por esforço repetitivo	Fazer sempre o mesmo movimento pode causar inflamações nas articulações	Celular	Dores nos punhos, nas mãos e nos dedos.
Dor no pescoço, Ombros e costas	Ao manter a cabeça flexionada para baixo, sobrecarrega a coluna cervical.	Smartphones, computadores e videogames	Quando o pescoço fica inclinado para baixo, o peso da cabeça passa de cerca de 5 kg para 27 kg.
Alterações na visão, irritação, ardência. "Falsa miopia"	Forçar a vista por muito tempo com imagens próximas	Todos os tipos de telas	O risco é maior para crianças, adolescentes e adultos jovens, já que os músculos em volta dos olhos ainda estão em formação.
Problemas de audição	Usar fones constantemente	Fones de ouvidos	Ficar muitas horas com algo obstruindo o seu canal auditivo e um som muito alto pode causar um dano permanente na audição.
Infecções	Foi identificada a presença de até 23 mil fungos e bactérias nestes aparelhos.	Teclados de computador, celulares, tablets e fones de ouvido.	Podem causar infecções respiratórias, otite externa, conjuntivite, acne, irritações na pele.
Insônia	A luz emitida pelos aparelhos inibi a produção de melatonina, hormônio regulador do sono.	Todos os tipos de telas	

Fonte: <<https://vivabem.uol.com.br/noticias/redacao/2018/07/21/quais-problemas-de-saude-o-uso-excessivo-de-tecnologia-pode-causar.htm>>

O uso em excesso do ambiente virtual afasta os adolescentes do convívio social, favorecendo o surgimento da depressão, alerta o psicólogo Fábio Pontes (2007). Atualmente, ficar sem bateria, sem rede ou sem telefone gera uma extrema ansiedade em jovens e adultos, como se este fosse o único meio de contato com o mundo externo.

² O Hootsuite é uma plataforma cruzada, desenvolvida para realizar pesquisas, disponível para iphone, iPad, Android e Blackberry. É preciso ter uma conexão de internet. Toda semana o pesquisador irá receber um e-mail do Hootsuite com um resumo em PDF onde se mostram dados analíticos da pesquisa referentes à semana que passou.

As pesquisas demonstram sim que há consequências negativas para as crianças e adolescentes que utilizam a tecnologia de forma excessiva, porém também demonstram que as mesmas que possuem contato com a tecnologia de forma moderada, apresentam melhor escrita e aumento de vocabulário que as mensagens via whatsapp e redes sociais estimulam.

Guerra (2014)³ esclarece: “Uma pesquisa feita em 2005 afirmou que as crianças de hoje em dia, escrevem melhor que as da geração passada, usando estruturas frasais complexas e um vocabulário mais amplo.”

Nota-se que a tecnologia pode ser uma grande aliada na educação e trazer benefícios às crianças e adolescentes desde que seja utilizada com cautela.

O quadro 2 a seguir, apresenta um resumo dos benefícios e malefícios de se utilizar a internet.

Quadro 2: Vantagens e Desvantagens do uso da Internet

Benefícios do uso moderado	Malefícios do uso excessivo
Favorece a comunicação e a busca de informações	Dependência do jogo ou rede social, com dificuldade para interromper o uso.
Pode facilitar a socialização	Aumento do isolamento social
Maior facilidade de aprendizado	Piora nos rendimentos escolares e acadêmicos.
Uso de chats (comunicadores instantâneos) beneficia indivíduos mais tímidos e introvertidos	Baixa auto-estima e menor satisfação com a vida diária.
Desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras	Prejuízos físicos do usuário problemático, como secura do olho, insônia e desconforto musculoesquelético.
Fonte: http://www.em.com.br (2017)	Prejuízo na rotina.

Há benefícios quanto ao uso da tecnologia de modo moderado, porém, é papel dos pais estabelecerem limites, para as crianças e adolescentes. Lembrando que segundo Vygotsky (1988), as características individuais estão impregnadas de trocas com o coletivo. Logo, é de extrema importância que a família organize momentos para o lazer, as atividades e para as dúvidas dos filhos. É importante os pais acompanharem os filhos quanto ao uso das tecnologias e ao esclarecimento quando aos risco que podem correr com uso das mesmas.

³ Raísa Guerra, Jornalista. Publicou a matéria - **Até que ponto a tecnologia faz mal na infância?** Publicações assíduas no site - tecmundo

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para elaborar este artigo, foi utilizada a metodologia qualitativa de pesquisa bibliográfica exploratória. De acordo com Zikmund (2000), os estudos exploratórios, geralmente, são úteis para diagnosticar situações, descobrir ideias ou explorar alternativas. Esta pesquisa foi realizada a partir de leitura de livros e artigos de psicologia, acesso a sites de psicólogos, documentários, jornais e entrevistas.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O objetivo fundamental da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo, está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno (RICHARDSON, 1999, p.102).

Devido a isto, esta pesquisa é validada, não pelo tamanho de sua amostragem, mas sim pela profundidade do estudo realizado a qual se baseia na procura de interpretações de diferentes autores sobre o tema pesquisado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a proposta inicial deste estudo teórico apresentada na introdução do presente artigo, o objetivo geral deste trabalho buscava identificar a construção do sujeito frente às novas tecnologias. Para atingir-se esta meta, foi necessário traçar os seguintes objetivos específicos: (a) Entender a constituição do sujeito; (b) entender o aprendizado e desenvolvimento do sujeito; (c) entender como se daria a relação aprendizado e desenvolvimento com o uso das tecnologias. Ao final do estudo, pretende-se responder ao seguinte questionamento: A Construção da Subjetividade frente às novas tecnologias: São elas os novos educadores?

Através da pesquisa bibliográfica, encontraram-se inúmeros benefícios do uso dos aparelhos eletrônicos e das tecnologias. Os benefícios são de ordem social e cognitiva.

Há alguns malefícios apontados por Macedo apud Garmes e Moura (2014), visto que o uso demasiado da tecnologia é responsável por legitimar o isolamento social, atribui ao mundo virtual o sedentarismo, a ansiedade e depressão nas crianças, esses fatores impossibilitam as mesmas a reconhecerem e valorizarem as atividades interpessoais e lúdicas tradicionais.

Em relação ao uso da tecnologia constatou-se que ela não é boa, nem má, depende do modo que é utilizada pelo indivíduo. Lembrando que crianças e adolescentes são sujeitos em constituição e necessitam de interação com o meio.

Conforme o resultado da pesquisa sugere-se que a utilização dos meios eletrônicos para as crianças e adolescentes seja monitorada, regras e horários sejam estabelecidos para o bom desenvolvimento dos mesmos.

Analisando o exposto acima e o fato de como o ambiente social é capaz de interferir na capacidade de organização psíquica do sujeito, fica evidente que a tecnologia vem modificando a subjetividade de certa forma, mas não chega a ser um novo modelo de educação para o indivíduo, pois, ele ainda precisa do olhar do outro para sua constituição.

Cabe ainda relatar que encontrei alguns obstáculos para a execução da pesquisa, porque ainda há pouca bibliografia nacional acerca do tema. Foi preciso, portanto, realizar uma pesquisa extensa e criteriosa para obter todo o material.

Pelos motivos apresentados e pelas limitações do estudo, sugere-se que os profissionais da psicologia busquem ampliar suas pesquisas sobre o tema, para que possam enriquecer as suas experiências profissionais e as vivências de seus pacientes.

Espera-se que este trabalho possa auxiliar os psicólogos a realizarem trabalhos de prevenção e estratégias com as famílias, reforçando a importância do vínculo familiar, o diálogo com os filhos, gerando relações saudáveis.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

ABERASTURY, Arminda. **Abordagens à psicanálise da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

ABERASTURY, Arminda. **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

BERGER, K.; THOMPSON, R. **Psicologia del desarrollo**: infância y adolescência. Panamericana, 1997.

BERNARDINO, L. M. F. A intervenção psicanalítica nas psicoses não decididas da infância. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE (org.). **Psicose**: aberturas da clínica. Porto Alegre: APPOA/Libretos, 2007, p. 54-66.

BOCK, Ana M. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002.

BROUGÈRE, Gilles. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CORTIELLA, Danilo. **Crianças pequenas não devem ficar muito tempo vendo TV ou usando celulares, diz OMS**. Disponível em: <<https://br.blastingnews.com/ciencia-saude/2019/04/criancas-pequenas-nao-devem-ficar-muito-tempo-vendo-tv-ou-usando-celulares-diz-a-oms-002901429.html>>. Acesso em: 29 maio 2019.

ENGELS, Magali. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 1989.

FRANZ, Nicolas. **As vantagens de usar o HootSuite**. Disponível em: <<https://gestaodecomunidades.com/gestao-de-comunidades/vantagens-de-usar-o-hootsuite>>. Acesso em: 20 maio 2019.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, S. **O ego o Id e outros trabalhos**. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud, v. 19; p. 191-199). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1969. (Trabalho original publicado em 1924)

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, João Paulo dos Santos. Adolescência. **Revista do Corpo e da Linguagem**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 13, p.137-196, jul.1986.

GUEDES D.P. Educação para a saúde mediante programas de Educação física escolar. **Motriz**, São Paulo, v. 5, n.1, jun. 1999.

GUERRA, Raissa. **Até que ponto a tecnologia faz mal a infância?**. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/estilo-de-vida/32723-ate-que-ponto-a-tecnologia-faz-mal-na-infancia-htm>>. Acesso em: 29 maio 2019.

JERUSALINSKY, Julieta. **A criança em constituição na era das relações virtuais (parte 3)**. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/blogs/crianca-em-desenvolvimento/a-crianca-em-constituicao-na-era-das-relacoes-virtuais-parte-3/>>. Acesso em: 08 mar. 2019.

KUPFER, M.C. **Freud e a educação**. São Paulo: Scipione, 1992.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEDOUX, Michel H. **Introdução à obra de Françoise Dolto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

MAHONEY, A.A. Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais. In: PLACCO, V. S. (org). **Psicologia & Educação**: revendo contribuições. São Paulo: Educ, 2002, p. 9-32.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASIO, J. D. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 Conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

OLIVEIRA, Vera B. (org.). **O Brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Sibeles. **Uso excessivo de tecnologia pode causar insônia, dores e prejudicar visão**. Disponível em: <<https://vivabem.uol.com.br/noticias/redacao/2018/07/21/quais-problemas-de-saude-o-uso-excessivo-de-tecnologia-pode-causar.htm>> Acesso em: 09 jun. 2019.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 18.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

PREVITALE, Ana Paula. **A importância do brincar**. Campinas: UNICAMP, 2006. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=20490>>. Acesso em: 20 maio 2019.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

REGO, T. C. **Memórias de escola**: cultura escolar e constituição de singularidades. Petrópolis: Vozes, 2003.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RIBEIRO, B.; GARCEZ, P. (orgs.) **Sociolinguística Interacional**. Porto alegre: AGE, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ZIKMUND, W. G. **Business research methods**. 5.ed. Fort Worth, TX: Dryden, 2000.